



Insistente!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (S.P.I.C.)

PELA CRIAÇÃO DE COMITÉS DE UNIDADE NACIONAL QUE CONDUZAM OS MOVIMENTOS POPULARES

O Partido Comunista tem lutado e continuará lutando incessantemente para forjar a unidade de todos os anti-fascistas e patriotas na luta contra a política de traição nacional do governo Salazarista. O P.C. tem, por um lado, empregado todos os esforços para intensificar as lutas populares e para realizar essas lutas a união de todos os trabalhadores, sem distinção de tendências políticas ou crenças religiosas. O P.C. tem, por outro lado, empregado todos os esforços para unir, numa frente única de combate, os grupos anti-fascistas que desejam deubar o governo de Salazar e assegurar a Liberdade e a Independência. A ideia da unidade ganhou as massas trabalhadoras e muitos setores anti-fascistas. Mas, para que o movimento de Unidade Nacional se torne num verdadeiro movimento nacional, não basta que a ideia da sua necessidade exista nas consciências; é necessário dar-lhe forma organizada.

A luta dos operários da Covilhã, dos pescadores de Macinhada, das varinas de Lisboa e dos estudantes, as lutas dos operários de Lisboa, as greves em que participaram milhares de trabalhadores numa unidade surpreendente, em que trabalhadores e trabalhadoras, de todas as tendências políticas e religiosas, se acompanharam nas reivindicações, nas greves, nas prisões, as lutas dos camponeses do Vale do Vouga, esses movimentos de resistência em Macinhada da Seica, Bustelo e Il contra as requisições de gêneros para enviar para o «Eixo», em que centenas de camponeses e camponesas, de várias tendências se acompanharam nas reivindicações, nos protestos e na luta contra as forças repressivas da G.N.R., as lutas das populações da África e de Rib-de-Ave, esses movimentos pela instrução em que toda a população, sem distinção de sexo, de profissões, de opiniões políticas ou de crenças, se juntou para exigir a abertura das suas escolas; a luta dos hortelãos dos mercados de Lisboa em que, unido-se sem olhar a diferenças políticas ou religiosas, fizeram reconstruir a Câmara Municipal de Lisboa que tinha lançado novas taxas que agravavam a sua situação; todos estes movimentos indicam o verdadeiro caminho da luta vitoriosa contra o fascismo, todos eles foram a melhor expressão da Unidade Nacional do povo português na luta pelo Pão e pela Liberdade.

Mas, as razões por que alguns destes movimentos não foram totalmente bem-sucedidos, encontra-se a ausência dum organismo que dirigisse a luta em todas as suas fases.

Dai a necessidade da formação em cada fábrica, empresa, ou companhia, em cada local de trabalho, dum «reção do movimento», direcção essa constituída pelos trabalhadores mais prestigiados

e decididos a lutar, quaisquer que sejam as suas ideologias ou crenças religiosas. Nada interessa o nome que esses organismos possam ter. O que interessa é que eles estejam ligados às massas, que exprimam as aspirações e a vontade das massas, que sejam constituídos por elementos honestos e combativos que guiem as massas nas lutas pelas suas reivindicações; na luta pelo aumento dos salários, contra o desleixo para o abono, contra os contratos colectivos-burra, contra o aumento das horas de trabalho, etc.

Mas não é só no domínio das lutas reivindicativas das massas populares que se impõe a necessidade da formação de tais comités ou comissões de direcção. Em todas as frentes de luta contra a exploração corporativista e a política de traição salazarista, a intensificação da luta exige a formação de organismos semelhantes. Para impedir em determinada localidade a partida de vagões carregados para o «Eixo», para impedir a mobilização, para impedir a abertura de uma escola para estas condições favoráveis na próxima campanha dos localistas; — para organizar essas e muitas outras lutas torna-se neces-

sário a constituição de organismos de direcção. Tais organismos de direcção da luta de massas são a expressão orgânica do movimento de Unidade Nacional, são verdadeiros comités de Unidade Nacional, tenham ou não este nome, tenham existência legal, semi-legal ou ilegal.

É NESTO SENTIDO QUE O PARTIDO COMUNISTA FALA NA NECESSIDADE DA FORMAÇÃO DE COMITÉS DE UNIDADE NACIONAL E QUE NOS, COMUNISTAS, DECLARAMOS DESEJAR COLABORAR NESSES ORGANISMOS COM TODOS OS HOMENS HONESTOS E COMBATIVOS, COM TODOS OS QUE QUEIRAM REALMENTE LUTAR PELOS INTERESSES DO POVO PORTUGUÊS.

O segundo aspecto de organização que há a considerar é o da unidade de acção dos grupos anti-fascistas e patrióticos. É absolutamente necessário acabar com a separação e dispersão de esforços que continuava a existir. É necessário constituir um Comité Dirigente de Unidade Nacional, que represente realmente todas as forças anti-fascistas e patrióticas e que esteja realmente disposto a lu-

→ continua no pag. 12.ª coluna

Contra os envios para o «Eixo»

A FALTA de gêneros agravava-se cada vez mais. Os preços sobem e os ordenados mantêm-se estacionários quando não baixam, já com custo os trabalhadores conseguem alimentar-se a si e a suas famílias. A miséria assola os seus lares.

Entretanto, o governo salazarista e os quintos colonistas não param na sua obra de traição nacional de tudo enviar para os carrascos hilerianos, provocando a escassez e o enervamento do pouco que vai aparecendo. Durante o mês de Novembro, do a.º findo, segundo os dados oficiais do Boletim do Instituto Nacional de Estatística, saíram do país: 8.355 quilos de carne fresca preparada e teincho; peixe em conserva (atum, sardinha, etc.) 4.480.340 quilos; banha 706 kg.; azeite 2.766; azeitona 116.646; batata 195.147; queijos 7.174.

Saíram pelo porto de Lisboa 127.773 toneladas de substâncias alimentícias. Saíram ainda 380 toneladas de animais vivos com uma diferença de lucro de entre a importação e a exportação de 18.600\$000. Saíram ainda pelo porto de Vila Real de Santo António 2.490 toneladas de substâncias alimentícias; pelo de Portimão 3.554; Faro-Olhão 4.851; Setúbal 10.490; Leixões 12.423; Porto 30.177.

Isto enquanto o povo morre de fome por não ter e não poder comprar o pouco que aparece. Esta é a principal razão por que os produtos faltam. Quando os grandes acambradores não possuem envia-los para o «eixo», quando os gêneros sejam vendidos no nosso mercado, a escassez será atenuada em grande parte.

Trabalhedores! Evitai por todas as formas os vosso alcance, a saída dos gêneros para o «eixo», via terrestre ou marítima.

Denunciad esses envios comunicando-nos tudo quanto saibais acerca das exportações para o «Eixo».

Lavradores do Ribatejo

SALVEMOS

LUTAI PELA CONCESSÃO DE CRÉDITOS, PELA CONSTRUÇÃO DOS VALADOS, PELO DESASSOREAMENTO DO RIO!

Uma vez mais o Tejo galgou os valados dos campos ribatejanos. Uma vez mais os trabalhadores do Ribatejo arriscaram as suas vidas para salvar os bens dos grandes senhores da Lezíria. Uma vez mais os pequenos e médios agricultores ribatejanos assistiram impotentes à destruição das suas colheitas e ao agravamento da sua já tão precária situação económica. E todos os anos esta calamidade se repete lançando essas camadas da população na miséria e na ruína.

A quem se devem atribuir responsabilidades? Só os ingénios e os que têm interesse em esconder a verdade, as podem atribuir à cheia do rio ou à violência do temporal. Porém, tanto os pequenos e médios agricultores como o proletariado dos campos ribatejanos sabem já, pela sua dura experiência dos anos anteriores, que só o Estado Corporativo, representando dos grandes senhores agrários, e à sua política de depauperamento das pequenas economias nacionais, cabem a responsabilidades da repetição de tal catástrofe. O pequeno e médio camponês do Ribatejo, arruinado por vários anos de cheia, está numa absoluta dependência das caixas de crédito agrícola, e mais uma vez este ano terá que recorrer a elas, se quiser reconstituir as sementeiras destruídas. Porém

a situação este ano é diferente do passado. Com efeito, como se apresenta o problema aos pequenos e médios agricultores das Lezírias do Ribatejo?

Ou a Hidráulica do Tejo, organismo do Estado, e a Companhia das Lezírias, grande proprietária dos campos, cuidam efectivamente do desassoreamento do rio e da construção dos valados e os pequenos e médios cultivadores poderão encarar com relativa confiança a integridade das suas culturas, ou tudo continua como antes e nesse caso eles vão cair nas garras do capital bancário, nas garras dos grandes financeiros.

Os pequenos e médios agricultores ribatejanos só por uma luta persistente poderão conseguir que o «Estado Novo» e os grandes proprietários e capitalistas que o conduzem, acudam à sua situação.

Pequenos e médios lavradores do Ribatejo! Exigi do governo a defesa dos campos ribatejanos! Exigi dos grandes senhores agrários de Companhia das Lezírias a protecção das terras que o vosso trabalho tem valorizado! Exigi a concessão de créditos sem juros e amortizáveis a longo prazo!

Componhes do Ribatejo! Lutei por melhores condições de segurança na lezíria! Lutei por um aumento de salários proporcionalmente ao aumento do custo de vida!

LUTEMOS PELA INSTRUÇÃO!

O GOVERNO fascista de Salazar dificulta por todos os meios a instrução do povo português, procurando assim impedir de compreender a sua política miserável de exploração, domínio e traição.

O estado miserável em que se encontram as nossas escolas, a verba irrisória de 3.376 contos gastos em 1931 com a instrução pública e a percentagem enorme de analfabetos — 60% — são disso uma prova eloquente.

A «política do espírito» do «Estado Novo» de Salazar transforma-se num desinteresse e abandono da maioria das escolas e centros insalubres onde mal entra a luz e o ar e instaladas junto de prostíbulos ou extramuros.

Has regiões no nosso país onde as crianças têm de caminhar horas, por caminhos asperos, sob enormes batéguas de água ou debaixo dum sol ardente, para poderem ir à escola, distante de sua povoação alguns quilómetros e, em muitas casas, mais de uma legua. Outras regiões há, onde centenas e milhares de crianças não recebem a mínima instrução, pela dificuldade material de frequentarem a es-

cola mais próxima, distante dezenas de quilómetros.

Tal é e continuará sendo a «defesa da cultura» do governo fascista de Salazar, se o povo português se não opor aos seus criminosos desígnios.

O movimento da população da região de Riba de Ave pelo melhoramento da sua escola, que ameaça ruína, indica-nos o caminho a seguir.

A população de Riba de Ave chamou a atenção das autoridades para o estado miserável em que se encontrava a sua escola, mas não foi atendida. Formou-se então um vasto movimento reivindicativo, que mobilizou grandes massas da população, incluindo oficiais, legionários, comerciantes, sacerdotes e operários, que conseguiu interessar a imprensa do Norte. Este movimento da população de Riba de Ave deve tornar-se num movimento nacional contra o analfabetismo, pela instrução e cultura. Forcemos, pela nossa união, o governo de Salazar a cuidar melhor da instrução do povo.

Procuramos, em massa, as autoridades e a imprensa, exigindo o melhoramento e abertura de novas escolas.

Os Anti-fascistas encarcerados!

No campo de morte do Tarrafal encontram-se os melhores filhos do povo, lutadores abnegados da causada libertade, da paz e do pão.

E preciso corremos em seu auxílio, lutando por libertar os presos ao nosso alcance para os arrancarmos da tumba dos mortos-vivos, que é a vergonha do nosso país.

Já morreram no Tarrafal duas dúzias dos nossos dedicados lutadores. Lá morreu Bento Gonçalves, secretário geral do nosso Partido, dirigente incontestável do proletariado português. Lá morreu Alfredo Caldeira, membro do Comité Central do Partido. Lá morreram também os dois dirigentes do movimento anarquista, Mário Castelheiro e Januário.

E preciso, pois, corremos a salvar as tres centenas de presos que ainda além se encontram, entre os quais há homens como: Francisco Miguel, Carlos Matoso, A. Valdez, M. Alpedrinha, José de Sousa, Gilberto (Spartacus), A. Amaljo, Borda, Cruz, Gama, José, Casel, Álvaro Duque e muitos outros membros destacados do nosso Partido.

Anti-fascistas!

Lutai para os presos do Tarrafal e Angra pequenas encomendas com medicamentos, géneros e tabaco.

Agital, desde já e sem descanso, junto das pessoas vossas conhecidas a necessidade de combater a existência do campo de morte do Tarrafal e da Bastilha de Angra do Heroísmo.

Pela libertação de todos os presos anti-fascistas!

Pela libertação imediata dos presos com as penas terminadas!

Continuação da pág. 1, 3.ª coluna
tar contra a política governamental de Salazar, pelo derrubamento do fascismo e pela instauração dum governo democrático de Unidade Nacional. Vencendo todas as dificuldades, todos os desânimos no campo anti-fascista, todos os velhos espíritos de rivalidade, o Partido Comunista lutará infatigavelmente para unir todos os grupos anti-fascistas e patrióticos numa Frente Nacional de luta pela liberdade e pela Independência.

AVANTE PELA INTENSIFICAÇÃO DOS MOVIMENTOS POPULARES! AVANTE PELA CRIAÇÃO DE COMITÉS DE UNIDADE NACIONAL QUE CONDUZAM AS LUTAS POPULARES, PELO PÃO, PELA LIBERDADE E PELA INDEPENDÊNCIA!

AVANTE PELA CONSTITUIÇÃO DUM COMITÉ DIRIGENTE DE UNIDADE NACIONAL, QUE REPRESENTAR TODAS AS FORÇAS ANTI-FASCISTAS E PATRIÓTICAS, QUE TRAZA A UNIDADE DE COMBATE DE TODOS OS GRUPOS E INDIVÍDUOS QUE LUTAM CONTRA A POLÍTICA DE TRAICÃO DE SALAZAR E PELA INSTAURAÇÃO DUM GOVERNO DEMOCRÁTICO DE UNIDADE NACIONAL!

Continuação da 3.ª pág., 2.ª coluna.
firme, tenaz e decisivo, sem olhar a sacrifícios.

Para que essa luta se torne mais efectiva em Portugal, trata que o povo português se possa ver livre, definitivamente, do fascismo e da ameaça da perda de independência, são necessários os esforços de todos, unidos por uma firme e unânime Frente Nacional.

A nossa consigna comum deve ser: UNIDADE. O nosso método comum deve ser: LUTAS (do manifesto de P.C.P.)

POLÍTICA DE TRAIÇÃO NACIONAL

Em Timor Entregue ao Japão

reina o assassinio e o saque

"CONTINUA o silêncio criminoso do governo salazarista acerca de Timor. O governo que, ludado com malfeitas conversações com a Inglaterra, recusa a ajuda militar dum país aliado, que depois protestou contra as medidas de defesa australianas e holandesas; que aplaudiu depois a ocupação japonesa aceitando de joelhos a nota insolente do governo japonês (19 de março de 1942); continua a sua política de traição e cobardia, escondendo ao povo português o que se passa em Timor, ocultando os resultados da sua política criminosas.

O jornalista inglês Dickson Brown (que recentemente regressou à Austrália depois de ter estado algum tempo entre os guerrilheiros australianos que ainda resistem aos japoneses na parte portuguesa da ilha de Timor) descreve as violências dos invasores facistas. Diz ele:

"PELA PERSEGUIÇÃO SISTEMÁTICA AOS PORTUGUESES residentes em Timor, os japoneses levantaram contra si tamanho descontentamento que a maior parte daqueles se não francamente anti-nipônicos. O GOVERNADOR DA COLÓNIA, MANUEL ABREU FERREIRA DE CARVALHO, ESTEVE VIRTUALMENTE PRISIONEIRO NAS MÃOS DOS JAPONESES desde a ocupação de Dili, em fevereiro, até que em meados de maio se reestabeleceram as comunicações com Portugal. Há alguns meses, os japoneses pediram ao governador que publicasse uma proclamação declarando que a administração civil se demorou a "devidos aos tumultos que os instalados provocaram entre a população indígena". O GOVERNADOR RECUSOU-SE a isso, dizendo não se poder inaniar que houvesse tumultos inspirados pelos australianos".

Salazar esconde estes factos ao povo português porque eles são uma acusação contra a sua política traidora. Salazar procura fazer esquecer Timor e ocultar o drama que ali se vive, para que o povo não possua estes elementos para o julgar e condenar. Mas não param ali as violências dos invasores japoneses. Ocuamos o que diz o mesmo jornalista:

"Durante a minha permanência em Timor português, PELO MENOS DOIS FUNCIONÁRIOS E DOIS SACERDOTES FORAM BRUTALMENTE ASSASSINADOS por ordem ou instigação dos japoneses. Os sacerdotes efectuavam cerimónias religiosas quando os japoneses chegaram as suas áreas. Juntamente com um mestio foram imediatamente conduzidos a presença de oficiais superiores japoneses que os interrogaram. O interrogatório andou à volta do "apoio" prestado aos australianos e de informações que os japoneses pretendiam obter acerca daqueles. O mestio disse que nada sabia e foi imediatamente entregue à hostilidade dos activos que o mataram à lâncada. O primeiro sacerdote declarou não poder revelar qualquer informação, e foi morto a seguir. Um interrogatório de minutos depois para os japoneses decidiram que o sacerdote fosse condenado à morte e os nativos de novo fizeram uso das lâncas. O segundo sacerdote teve o mesmo destino depois de ter dito aos japoneses que não podia ajudá-los".

"Eis como o jesuíta Salazar entende defender o "património colonial" e a "civilização cristã". Funcionários e sacerdotes portugueses são assassinados pelos invasores, mas Salazar, obedecendo a Hitler, aplaude os assassinos japoneses aliados da Alemanha nazi. Salazar não faz um protesto, não tem uma palavra de solidariedade e apoio para os portugueses e timorenses abandonados ao brutal indolismo estrangeiro. Salazar, lacão de Hitler e do fascismo internacional, alegria-se que Timor esteja transformado num vasto campo de assassinato e de saque.

"Por onde quer que passem em Timor — diz B. Brown — OS JAPONESES DEIXAM ATRAS DE SI UM RASTO CONSTITUÍDO PELO ASSASSINIO DE PORTUGUESES, INCLUINDO PADRES, O RAPTO DE MULHERES NATIVAS, A DESTRUÇÃO EM MASSA DE COLHEITAS, CASAS, GADO e tudo o que lhes parecia vir a ser útil às forças aliadas. Quando em fevereiro de 1942 os japoneses ocuparam Dili, a primeira coisa que fizeram foi requisitar mulheres para os prostíbulos que haviam de servir os soldados japoneses. Não se ficaram satisfeitos e os japoneses destruíram a maior parte dos recursos agrícolas permanentes, em especial árvores de fruto. Os porcos, as galinhas e os bois, já foram dizimados".

O drama de Timor deve ser conhecido de todos os portugueses, para que todos possam avaliar devidamente as mentiras, a traição e a cobardia do governo quinta-colunista de Salazar, para que todos possam avaliar a grandeza da ameaça que o governo fascista de traíção faz pesar sobre Portugal.

Portugueses! Salazar, o inimigo n.º 1 do povo português, Salazar que entregou Timor ao Japão, Salazar que procura tornar Açores e Cabo Verde postos-avangados hitlerianos no Atlântico, Salazar que prepara a entrega de Portugal a Hitler, perde completamente toda a noção do brio e honra nacionais. Exigi uma atitude firme e enérgica para com o Japão fascista que rouba e assassina os portugueses e as populações indígenas de Timor! Exigi o rompimento imediato das relações diplomáticas com o Japão! Escrevei aos ministros e às autoridades acusando-as de traição nacional.

Lutemos unidos pelo derrubamento do governo quinta-colunista de Salazar! Lutemos unidos contra os traidores e vendidos ao fascismo internacional! Lutemos unidos em defesa da independência ameaçada! Avante pela instauração dum governo democrático de UNIDADE NACIONAL!

UNIDADE NACIONAL significa que seja o próprio Povo português a escolher o seu próprio destino. «Do Manifesto do Comité Central do Partido Comunista»

Luta nos países ocupados pela liberdade e independência

A luta dos povos ocupados e escravizados pelo fascismo tornase cada vez mais intensa à medida que o inimigo vai enfraquecendo. Já aniquilando destacamentos armados, já destruindo comboios e as vias de comunicações, já fazendo toda a espécie de sabotagens, eles provam a firme decisão de lutar, até ao extermínio total do inimigo, eles provam que são verdadeiramente dignos de disrutar essa independência e liberdade, pela qual lutam sem regatear sacrifícios.

Assim, na Iugoslávia a luta das guerrilhas continua cada vez mais acéda. Há pouco tempo, um jornal fascista, "Lavoro Fascista", era obrigado a confessar que «a cavalaria alemã e destacamentos das «camisas negras» foram bruscamente atacados por guerrilheiros armados com armas automáticas infligindo pesadas perdas aos italianos. Um grupo de guerrilheiros vestidos com uniformes de «camisas negras» desceu em seguida das montanhas obrigando-os a debandar.

Na Tchecoslováquia, ainda recentemente um grupo de guerrilheiros atacou os postos de petróleo de Buayavita, junto de Zagreb, efectuando destruições e matando os guardas e 4 engenheiros alemães. Na Bélgica, nas regiões de Bruxelas, Liège e Mons, as sabotagens sucedem-se frequentemente, especialmente, em vias de comunicações e fábricas de material de guerra.

Quando da exigência por parte da Alemanha da mão de obra francesa para a sua indústria de guerra, os operários franceses protestaram declarando-se em greve nas principais regiões industriais.

Assim, nos importantes centros industriais de Marnaz, Selozeux e Cluses, os operários de todas as fábricas paralizaram o trabalho e decidiram abandonar as mulheres, das famílias dos operários que deveriam ser inspeccionados antes de partirem para a Alemanha, juntaram-se em massa à entrada das repartições onde se efectuavam as inspecções, impedindo, com a sua obstrução, que os operários entrassem no edifício.

Na Polónia o povo luta também dum forma activa e decidida contra os bárbaros ocupantes. A sua acção é revelada através do número de condenações à morte levada a cabo pelos «tribunais» dos fascistas opressores e assassinos. Segundo o órgão da imprensa da União Soviética «a Izvestia» hoje já ali 170 mil condenações à morte não contando os assassinados nos campos de concentração.

A luta pela independência, pela liberdade e contra o fascismo opressor e assassino, só é possível, com uma vontade

= continua na pág. 2, 3.ª coluna

Quantias recebidas dos amigos do Partido

Grupo total 1.000.000	Transporte 1.000.000
Santos 5850	N.B. 10800
Rostov 250800	Jodony 3850
União da 2000	União da 2000
C.U.F. (*) 350000	P.P.B. 30800
P.Q. 5800	Jacobleva 30800
Passionária 5800	Simão 15800
Para que dis-	Carlos Pres-
tas 14800	tes 82000
A Transporte 1.000.000	Total 1.013.900

(*) Este grupo seria anteriormente com o nome de "ELKA".

NOTA: — No número da 2ª Quinzena de Dezembro saiu "Cizanos" em vez de "Cizanos".

A rubrica «Camaradas de Fábricas AHD», saiu no n.º 24 sem as iniciais (A.H.D.).

